

BUROCRACIA, PARASITISMO, VENALIDADE, EXPLORAÇÕES; IGNORANCIA, GRENDICES E CHARLATANISMO; POBREZA, DESCONFORTO, MISERIA E FOME DOS PRODUTORES AO LADO DA ABUNDANCIA, DO LUXO E DO DESPERDÍCIO DOS EXPLORADORES; JOGATINA, PROSTITUIÇÃO, CAFETISMO E SIFILIS; PECULATO, LATROCÍNIO E BANDITISMO; RIVALIDADES, AGITAÇÕES, REVOLUÇÕES E GUERRAS; DESORGANIZAÇÃO E CORRUPÇÃO GENERALIZADA — EIS O QUE OFERECE A DECANTADA ORDEM DA SOCIEDADE CAPITALISTA.

S. PAULO, 1 DE JULHO DE 1947

ANO 31 — NUM. 3 (Nova fase)

A PLEBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

Director-Gerente: EDGARD LEUÉNROTH

A ANARQUIA É A MAIS
ALTA EXPRESSÃO
DA ORDEM.
ELISEU RECLUS

A participação nos lucros

Na última campanha eleitoral, assistimos a guerra de cartazes, verdadeira ofensiva em tons e frases coloridas com que os partidos políticos procuravam disputar os votos das massas trabalhadoras.

Inspirado na mistificação da enciclica "Rerum Novarum", um dos partidos prometia, de mãos abertas, moedas douradas em derrame de ilusões sobre um fundo azul de céu seráfico, a participação nos lucros das empresas como solução imediata para os conflitos provocados pelo desequilíbrio econômico cujas causas deveriam ser procuradas no regime da propriedade privada.

Essas causas, que são muitas e profundas, que justificam a existência de algumas toneladas de impressos em todas as línguas, poderiam, entretanto, ser resumidos no conceito de Proudhon — "A Propriedade é um roubo".

Todavia, não é nosso objetivo aprofundarmos-nos nessa questão, visto termos de subordinar ao título que escolhemos para comentar numa linguagem de plebeus, que é a nossa, o princípio de participação nos lucros das empresas, agora no cartaz das realizações governamentais como promessa.

Chegaremos à conclusão de que, em vez de beneficiar, tal medida viria agravar, mais ainda, a crise porque estamos passando. Não se creia que estamos em desacordo com a idéia de que os trabalhadores devem ter parte nos lucros daquilo que produzem. Ao contrário, achamos que lhes cabe direito a todos os lucros, e o que é injusta, dentro do conceito anárquico, é a participação nos lucros por aqueles que não trabalham e que não vivem da exploração do Trabalho dos outros.

O sistema capitalista está fundamentado em um círculo vicioso composto de absurdos. Para sustentar essa ridícula organização social onde não pode haver justiça nem liberdade, porque isso implicaria na existência de fatores contrários aos princípios de exploração e, consequentemente, à não existência do regime capitalista, é

necessário o emprego da violência e da fraude, da mistificação e da tirania consubstanciados no Estado.

Esse círculo vicioso conduz, fatalmente, ao suicídio, visto ser todo produto adquirido pelo produtor por um preço superior ao que é produzido por ele.

Apavorados com a marcha das conquistas sociais, expressada na fermentação contínua e permanente das agitações populares, os economistas burgueses procuram tapar o sol com peneira, inventando sistemas que, longe de solucionar o problema, agravam cada vez mais as dificuldades encontradas por todos os governos para conservar a sua estabilidade.

A participação nos lucros, não tenhamos dúvidas, visa confundir ainda mais as classes operárias.

Com esse propósito pretende-se dar ao operário a ilusão de que trabalha para si mesmo, portanto, deve trabalhar em excesso, não exigir descanso semanal, dispensar as férias anuais e outras conquistas arrancadas ao capitalismo pela ação direta dos trabalhadores e legalizadas pelo Estado como imperativo da ordem.

Admitindo-se, porém, que não fosse essa a intenção dos seráficos socialistas congregados em torno daquele partido político, vejamos as consequências desas nova modalidade de escravidão.

Habitados à margem de lucros ascensionais, isto é, sempre maiores os industriais, não deixam desaposar facilmente daquilo que eles julgam ser os seus direitos.

Devendo co-partilhar com os operários os lucros auferidos na venda dos produtos manipulados por estes, mas vendidos, administrados e geridos por aqueles, é bem de ver que os produtos vendidos terão que dar maiores lucros, de forma a não só permitir a distribuição da percentagem destinada aos operários, mas ainda a conservar intacta, e até acrescida, a sua parte. Nesse caso, os produtos terão que ser vendidos por preço mais elevado e a quem deverão ser vendidos? Aos próprios operários, ao povo. Exemplifiquemos com uma hipótese. Uma indústria rende a média de duzentos mil cruzeiros por ano. Admitamos que essa indústria emprega na manufatura de seus produtos cem operários, aos quais, com o sistema de participação nos lucros, para que essa medida se justificasse caberia uma percentagem que lhe rendesse dois mil cruzeiros por ano; não é preciso fazer-se grande esforço de cálculo para se compreender que o rendimento desaparece na distribuição dessa percentagem.

O industrial, que vê a sua renda desaparecer na distribuição da percentagem aos operários, não se aperta: em vez de vender o produto a cem cruzeiros, passará a vendê-lo a duzentos.

E a quem é vendido o produto? Ao consumidor, que é o povo, inclusive aos próprios operários.

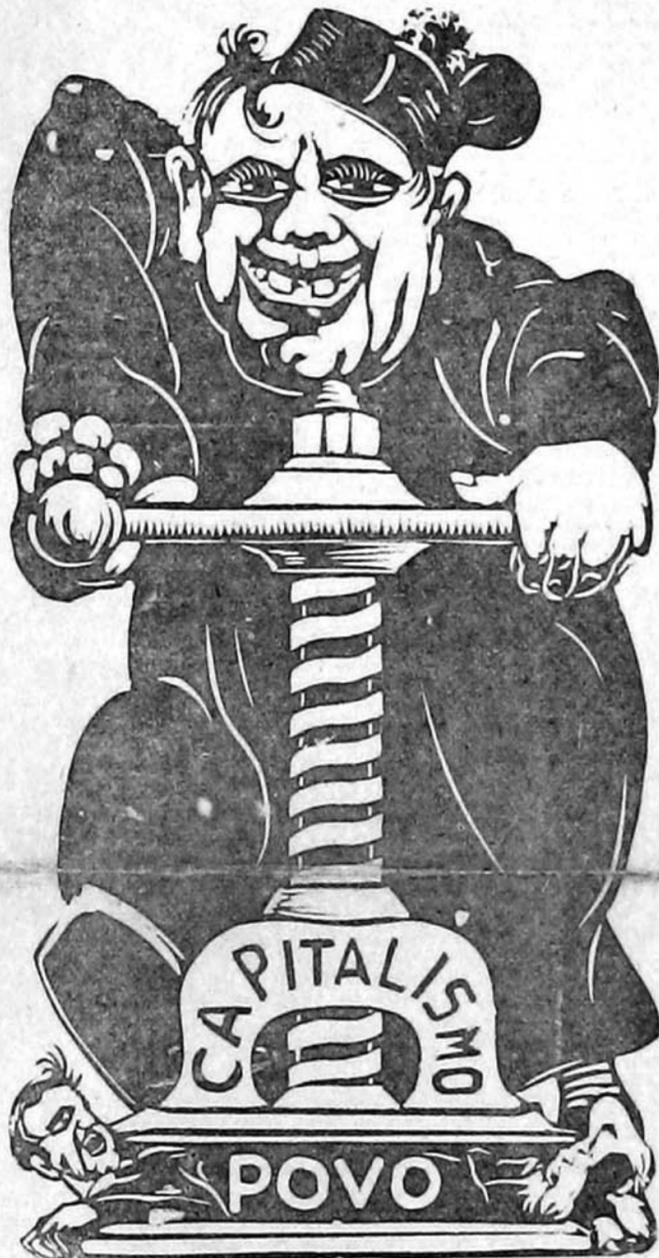
Desta forma, como todas as indústrias estão sujeitas às mesmas leis de economia, em pouco tempo já não há mais lucros para os operários, que, em consequência de se haver agravado o custo da vida, veem a sua participação nos lucros desaparecer na majoração de preços de todos os artigos de que necessita.

Fica apenas intacto o lucro do industrial, que aumenta na proporção do aumento verificado na venda dos produtos.

E' esta a história do salário, que anda sempre atrás do custo da vida mas que não alcança nunca!

Chama-se participação nos lucros ou salários, o resultado é o mesmo. Colocadas as coisas neste pé, vamos encarar outra face do problema.

Poder-se-ia produzir mais, aperfeiçoando-se o sistema de produção, isto é, empregando máquinas em vez de homens. A conclusão é a mesma. Continuemos com a hipótese, para fugirmos a massudo confronto de estatística, que tornaria concreta esta nossa afirmação:



Essa é a situação: O clero ao serviço do capitalismo, está sempre com ele na exploração do povo.

O industrial X emprega em seu estabelecimento — suponhamos uma fábrica de calçados — 100 operários, que lhe produzem 100 pares de sapatos por dia. Um belo dia, atendendo à insinuação de um bom vendedor de máquinas para fabricar sapatos, decide-se e faz instalar em sua indústria um conjunto de máquinas que lhe produzem a mesma quantidade de pares de sapatos com apenas 10 homens.

A lógica indica que, obtendo a mesma produção com menos despesas, pois foram dispensados 90 dos 100 operários que para ele trabalhavam, o produto deveria ser vendido mais barato. O contrário, porém, é o que acontece: com a desculpa de que a indústria lhe exigiu novas despesas com a compra das máquinas, o preço do produto sofre um aumento proporcional.

Entretanto, a capacidade de consumo diminuiu, porque, se os operários que ficaram à margem e que constituem o desemprego verificado nos grandes centros industriais, pelo menos periodicamente, mal podiam comprar sapatos quando estavam trabalhando, com maior razão deixam de comprá-los estando desempregados.

Mas, há ainda, outro mal maior. Aumentada que foi a capacidade de produção, e diminuída a capacidade de consumo, o produto começa a formar o que se chama estoque congelado, começa a sobrar. Inicia-se, então, a guerra de concorrência, a conquista de novos mercados, a disputa entre os centros produtores e surgem as guerras dissimuladas em princípios patrióticos, graças à rede das intrigas diplomáticas.

E se as consequências são desastrosas no terreno da economia política, não podem as sociedades fugir ao efeito moral desse desequilíbrio, advindo do tal estado de coisas a cretinização das consciências, o abandono das instituições e a perversão dos sentimentos.

Este é o quadro que se nos apresenta dentro do regime estatal-capitalista a que a humanidade está submetida.

Não haverá, então, solução? Há, sim; mas a solução não pode ser encontrada dentro da estrutura social que tem como base o Estado.

Coloque-se a máquina ao serviço da coletividade; que ela produza, não para atender a interesses privados, mas para satisfazer às necessidades humanas; desapareçam as causas que transformam o progresso em burro de carga do capitalismo, e teremos encontrado a solução de todos os problemas humanos.

SOUZA PASSOS

JORNAIS ANARQUISTAS ESTRANGEIROS

Na redação de A PLEBE e na agência de jornais da rua D. José de Barros, 245, são encontrados três dos mais importantes desses jornais: "Tierra y Libertad", do México, e "Cultura Proletaria", de Nova York, em castelhano, e "L'Adunata del Refrattari", de Nova York, em italiano.

Povo e Governo

Não existe no mundo nenhum país em que o cidadão não sinta arrepiarem-se-lhe os cabelos só com a simples menção de palavra governo.

Aqueles que fazem planos de um governo mundial devem ter em conta este sentimento popular, porque a aversão íntima de todos os povos pelos respectivos governos minará fatalmente qualquer governo mundial que porventura se venha a criar.

Mas, de onde provém esta aversão universal pelos governos? É natural que exista nos países governados por tiranos ou estrangeiros, mas eu a tenho constatado aqui mesmo, nos Estados Unidos, onde se presume que nós mesmos elegemos os nossos governantes e podemos destituí-los quando não satisficam. Encontro aqui a mesma aversão que encontrei na Índia, na Indonésia, na Birmaníia, na Indochina onde os povos vivem sob o domínio de estrangeiros e tiranos. E sei muito bem que essa aversão existe desde há séculos na China e no Japão.

Porquê? A resposta é simples. Os povos sabem, através de lon-

gos, que não há governo que jamais para o bem do povo. Qualquer que seja o idealismo que tenha presidido à sua fundação, antes ou depois os governos existem, acima de tudo, para si mesmo. Mesmo nas chamadas democracias, os funcionários em geral sofrem da molestia do egoísmo. O príncipe indiano agarra-se com unhas e dentes ao seu posto, porque este lhe fornece as vantagens do seu modo de vida. Mas o mais humilde empregado de uma burocracia a trinta dolares por semana, é igualmente aferrado ao emprego, porque dele tira o pão de cada dia, e toda a engrenagem do Estado é conservada tendo em vista o seu interesse multiplicado ao infinito.

Pearl S. BUCÁ

("United Nations World" — Fev., 1947).

N. da R. — Não somos nós que dizemos isso. É o pronunciamento de um jornalista burguês, numa publicação burguesa. A realidade confirma, assim, o critério anarquista.

Semeando Idéias

O QUE PROCLAMAM OS ANARQUISTAS

Os anarquistas proclamam que a propriedade individual da terra, do capital e dos instrumentos do trabalho já passou da moda, que está condenada a desaparecer e que todos esses elementos de produção devem e não-de ser propriedade comum da sociedade, ficando a sua administração a cargo dos produtores da riqueza; e sustentam que o ideal da organização da sociedade é um estado de coisas em que as funções do governo desapareçam, recuperando o indivíduo a sua plena liberdade de ação para satisfazer as várias necessidades do ser humano, por meio de associações livres e federações de associações livremente constituídas.

O Anarquismo na Prática

AS COLETIVIDADES AGRICOLAS ESPANHOLAS

O argumento principal que se apresenta contra o anarquismo é de sua impraticabilidade. Afirma-se que caluniam nosso movimento por paixões políticas ou interesses de classe e de partidos, há aqueles que consideram a anarquia um belo e grande ideal, mas que não é para nossos dias, em virtude dos homens ainda não estarem preparados para a vida livre das comunas libertárias. Os anarquistas estão convencidos justamente do contrário, pois entendem que será muito mais fácil viver-se com ordem nas coisas e harmonia entre os homens no regime baseado nos princípios de liberdade e de igualdade social — propugnado pelos anarquistas — do que na sociedade viciosa de hoje, na qual os homens só encontram condições negativas. Isto é, em que a liberdade é coartada em todos os sentidos e a desigualdade domina em todas as manifestações da vida.

Todos os regimes baseados nos princípios da autoridade, mesmo quando exercidos por elementos socialistas, já foram experimentados, na atual sociedade, com resultados negativos — em suas formas absolutistas, monárquicas, repúblicas ou de socialismo de Estado.

Exatamente o contrário tem acontecido com o anarquismo. Desde que se apresenta uma oportunidade — por mais fugaz que seja — os anarquistas não deixam de aproveitá-la para pôrem em prática — embora em proporções mínimas — a organização baseada no apoio-mútuo e no livre-acordo.

Assim acontece em todas as suas iniciativas, individuais ou coletivas: na atividade reivindicadora do proletariado, na obra de educação artística e recreativa ou de ordem econômico-profissional, etc. Isso no que se refere à vida normal no quadro da sociedade atual. O espírito prático e reformador dos anarquistas tem sido, entretanto, evidenciado de forma mais positiva em grandes movimentos de convulsão social de várias épocas. Já na Comuna de Paris, o espírito libertário orientou as ações populares de caráter mais acentuadamente socialista. Na revolução húngara a atuação anárquica animou a obra construtiva do povo, o que se verificou em proporções maiores durante a revolução russa, com a organização das comunas libertárias dos camponeses da Ucrânia. Onde, porém, a ação fecunda dos anarquistas tomou grande vulto foi na revolução espanhola de 1936-38. Foram inúmeras as demonstrações dadas pelo povo de que é possível viver sem autoridade, sem propriedade privada e sem dinheiro, em regime de livre convicção, na base de bem-estar e liberdade para todos. Vamos começar, a partir deste número, a registrar várias dessas iniciativas.

Hoje, ontem e sempre o movimento coletivista de Aragón, Catalunha, Levante, Andaluzia, Extremadura, Castilha, etc., será um grande exemplo. Esse movimento não surgiu entretanto, por geração espontânea. Foi produto de uma sementeira ideológica feita durante dezenas de anos. O principal artífice dessa obra foi a Confederação Nacional del Trabajo — a gloriosa CNT. Ela ali a razão porque, à medida que as heroicas milícias libertárias desalojavam os fascistas dos povoados, encontravam colaboradores que prestavam o seu concurso às forças libertadoras de forma decidida e consciente. Estes colaboradores eram homens de idéias avançadas e, principalmente, homens da organização confederal e libertária. Sua consciência havia sido elaborada ao calor da propaganda nos sindicatos. O sindicato foi, com efeito, a pedra angular da construção revolucionária. Deles surgiram valores para nutrir as coletividades agrícolas, os Conselhos Municipais, o Conselho de Aragón e as frentes de guerra.

A coletivização foi realizada imediatamente após a expropriação dos bens detidos improdutivamente pelos capitalistas e latifundiários financiaram a insurreição fascista.

Quer isto dizer que todos os bens, móveis e imóveis, confiscados passaram a ser patrimônio da coletividade. A posse desse patrimônio foi confirmada pelas assembleias populares. Grande número de aldeias e povoados foram, assim, totalmente coletivizados.

A maioria dos pequenos proprietários demonstrou larga visão desprendendo-se de suas propriedades em benefício da coletividade. Houve, porém, casos em que alguns, movidos por interesses políticos, sentindo-se apoiados por elementos que, no Ministério da Agricultura, alentavam a contra-revolução, com o pretexto de impor a desprestigiada e vergonhosa reforma agrária, tentou fomentar, esterilmente, o descontentamento contra a coletividade.

Os grupos de trabalho formaram-se de acordo com as peculiaridades de cada terreno e o controle da produção fez-se procurando extrair o maior rendimento com o menor esforço possível. Cada coletivista era livre de cultivar sua horta para prover as necessidades de seu lar. A distribuição desenvolveu-se na base das necessidades familiares e da coletividade. O dinheiro como elemento de aquisição e de troca ficou completamente abolido por sua ineficácia, pois todas as necessidades e mordiais cobriam-nas os armazéns cooperativistas da coletividade. Para o exterior praticou-se o regime de intercâmbio e as transações realizavam-se na base de valorizar esforço por esforço, isto é, que para o coletivista aragonês o valor da mercadoria estava na razão direta do trabalho empregado na sua manufatura, sementeira, plantação, cultivo, colheita, etc.

As operações de caráter local faziam-se através das Federações Obreiras e do Conselho de Aragón. O direito de participação no banquete da vida era assegurado pela condição de trabalhar, regulada pelo "carnet" de produtor e pela caderneta de consumidor.

Os que trabalhavam tinham o direito de disfrutar os benefícios do seu esforço; os inativos expunham-se a ser considerados sabotadores da revolução.

Dessa forma, diga-se a bem da verdade, foram eliminadas nas regiões onde se pôz em prática o sistema coletivista a exploração do homem pelo homem, a vagabundagem, o desemprego, a burocracia, e todos os vícios e organismos de corrupção, sem a necessidade de se recorrer ao emprego de sanções de qualquer espécie.

A nova atmosfera criada em torno dessa obra transformadora destruiu a concepção da moral reacionária, soterrou a escravidão e os valores negativos — despoitando em seu lugar um estímulo para a prática da liberdade e o bem estar coletivos.

Mas a onda terrorista do franquismo, apoiada na invasão das hordas fascistas italianas e alemãs destruiu, na Espanha, essa nova forma de vida humana, interrompendo brutalmente a construção do edifício social do futuro.

As novas gerações correspondem estudar o que foi realizado nesse sentido pelos confederalistas espanhóis, superando-os, e estendendo a toda a humanidade a realização prática do coletivismo anárquico.

Para a história do movimento operário

Um antigo militante do nosso movimento operário e anarquista atualmente residindo em Portugal, tendo sido violentamente privado da sua biblioteca e do seu arquivo, que se viu forçado a abandonar em Madri, durante a guerra de Espanha, pede aqueles que possam e queiram fazê-lo o favor de lhe facilitarem a aquisição das coleções ou números avulsos dos jornais "A Revolta" (Pará, 1919-29) e "Voz do Trabalhador" (Pará, 1920), a revista "Renovação" (Rio de Janeiro, 1921) e o jornal "O Trabalhador" (Rio, 1922-23), publicações com as quais pretende realizar um trabalho referente ao movimento operário no Brasil. Tudo quanto se relacionar com esse pedido poderá ser tratado com Edgar Leuenroth, pessoalmente, na redação de "A Plebe" e, por correspondência, pelo seu endereço: Cx. Postal 5739.

A panela política

- Que é política?
- É a ciência que ensina a viver do orçamento.
- Que é o orçamento?
- É a panela nacional onde desajam meter a colher.
- Como se divide a política?
- Divide-se em partidos.
- Pode dizer-me quantos há?
- Dois, os que estão de cima e os que estão de baixo.
- Como funcionam esses partidos?
- Os de baixo gritando contra os de cima, os de cima dominando os de baixo.
- Costumam inverter-se essas funções políticas?
- Sim, senhor, por meio de uma troca de papéis que determinam cambalachos e golpes.
- E então que sucede?
- Sucedem aqueles que dominavam passam a gritar e os que gritavam passam a dominar.
- Obtem-se por meio dessa inversão algum benefício público?
- Não, senhor, porque a ordem dos fatores não altera o produto.



Até quando o povo suportará essa pesada carga?

CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Em sua sede, à rua José Bonifácio, 387, continua o Centro de Cultura Social a realizar, todos os sábados, às 20 horas, com entrada livre, as suas conferências sobre interessantes temas.

Conforme havia anunciado, no sábado, 14 de Junho, realizou-se a conferência do pintor Carlos Giacchini, que discorreu, com notável proficiência, sobre as manifestações da arte desde os tempos primitivos até a atualidade, detendo-se num atraente estudo sobre as escolas impressionista e interpretativa. Causou geral agrado a maneira clara e simples com que falou. Como de costume, no final, houve intervenção da assistência, para esclarecimentos.

Na conferência de sábado, 21 de Junho, foi orador o dr. Mario D. Santos, que falou sobre psicologia social, prendendo a atenção da assistência, por um bom espaço de tempo, com a clareza de sua exposição cheia de proveitosos ensinamentos.

Como "A PLEBE" deve ser impressa com antecedência, fica para o próximo número a notícia da conferência de sábado, 28 de Junho.



Símbolo grotesco do explorador burguês.

«AÇÃO DIRETA»

Está distribuído mais um número de "Ação Direta", já no segundo ano, de sua publicação. Traz boa matéria doutrinária, de combate e de informação sobre o nosso movimento internacional.

Recomendamos sua leitura. Encontra-se à venda nas bancas dos jornaleiros e em nossa redação.

Pelo Mundo Anárquico

BOLÍVIA

O Grupo Anarquista Ideário reencetou suas atividades de propaganda receditando um folheto intitulado "Aos trabalhadores intelectuais, estudantes e universitários", que também se dirige aos trabalhadores manuais.

Em vários capítulos, o folheto fixa a posição libertária ante os grandes problemas da atualidade. Entre os temas tratados, destaca-se o que se refere ao sindicalismo revolucionário. Um dos capítulos tem por título — "Decálogo do Trabalhador consciente". Os trabalhadores são, aí, convocados à luta contra o burocratismo sindical, contra a política partidária em geral e contra todos os privilégios sociais. Os trabalhadores, declara o decálogo, não devem aceitar o conceito de uma disciplina autoritária, mas só aquela disciplina voluntária e consciente que o próprio indivíduo se impõe cumprindo o seu dever. Os trabalhadores têm necessidade de um espírito de luta que deve animar o movimento social.

VENEZUELA

Um grupo de companheiros espanhóis militantes da CNT (Confederação Nacional del Trabajo) no exílio, organizou uma série de transmissões de propaganda antifranquista pela Rádio Caracas, todas as quintas-feiras, entre as 13,20 e 13,35 h (YV 5 RA 690 kilociclos — YV-5 RN 4920 kilociclos, onda de 49 metros). Esses companheiros realizam atualmente atos públicos nos principais teatros da capital. Em um deles, falaram León Felipe e Silvio Santiago, este último sobre "Os princípios do anarco-sindicalismo". A Federação dos Trabalhadores da Venezuela apóia estes atos, concorrendo à eles, em número crescente, os seus aderentes.

URUGUAI

Por ocasião das recentes eleições, formou-se o Comitê Anarquista de Ação Antieletoral, que distribuiu uma série de manifestos para explicar a sua posição. O Comitê proclamou que nenhum dos candidatos presidenciais poria termo à ação dos "tubarões", à carestia da vida, à exploração burguesa, enfim. Contra a exploração, dizem os manifestos, só a ação proletária; contra a reação, a rebeldia popular, a exemplo da desobediência da juventude ao serviço militar obrigatório; contra os açambarcadores e seus cúmplices — os políticos, só a ação direta do povo.

ALEMANHA

Na Alemanha o movimento libertário está sendo penoso. O secretário da A. I. T. (Associação Internacional dos Trabalhadores), com sede em Estocolmo, Suécia, dedicou um número de seu boletim internacional à situação alemã, tendo em vista o sindicalismo revolucionário e o anarquismo. Depois de inauditos esforços, os companheiros suecos estabeleceram contato com alguns antigos militantes da Freie Arbeiter Union Deutschlands (F. A. U. D.), organização anarco-sindicalista aderida à AIT, que foi dissolvida e perseguida ferocemente logo que Hitler subiu ao poder, e da qual não restam senão companheiros isolados e pequenos grupos.

O boletim inclui o extrato de numerosas cartas de tais companheiros, cheias do horror da criminalidade nazista. Inúmeros militantes da FAUD e do movimento anarquista foram assassinados e torturados nos campos de concentração ou enviados aos tragicamente famosos regimentos "999".

FRANÇA

A Federação Anarquista Francesa lançou, por meio de seu órgão "Le Libertaire", o seguinte manifesto firmando sua atitude em face dos acontecimentos da Indochina: "A Federação Anarquista Francesa saída ao povo da Indochina em luta contra o imperialismo e o colonialismo sanguinário de Argonlieu e Moutet, lacaios das congregações e do Estado Capitalista. A F.A.F. está, de todo o coração, ao lado dos revolucionários.

Denuncia a conduta duvidosa de colaboração dos dirigentes políticos do governo de Viet-Nam com o imperialismo francês, criando, dessa forma, circunstâncias favoráveis às provocações, e, conseqüentemente, à repressão.

A F.A.F. está ao lado dos povos coloniais em seu ideal de emancipação total de todos os imperialismos.

A F.A.F. declara que a libertação do povo de Viet-Nam será, entretanto, um engano, se os exploradores estrangeiros desaparecerem para ceder seus lugares aos exploradores indígenas. Dirige um apelo ao povo da Indochina para que lute pela sua emancipação total, a qual pode chegar a ser uma realidade se a libertação for acompanhada da revolução social, que instituirá o comunismo libertário no lugar do capitalismo e do Estado.

O fascismo que tiraniza a Espanha sacode a consciencia universal

A consciencia universal, já tão atormentada pelo crime hediondo da guerra, cujos sangrentos escombros, onde se sepultam milhões de jovens, ainda fumegam, sente-se agora ferida pelos novos crimes com que o fascismo imperante na Espanha vem sacrificando os homens livres do atormentado povo ibérico.

Constantemente, com a insensibilidade que caracteriza todas as tiranias, os janizeros de Franco, essa tragica caricatura de Hitler e de Mussolini, lançam ao mundo notícias de sucessivos julgamentos e condenações a longos anos de prisão e à morte de pessoas que, se de alguma coisa podem ser acusadas é de seu grande amor pela liberdade, de repudiarem a opressão e de desejarem a libertação de seu povo do jugo do falangismo franquista.

Como se não bastasse o sacrifício de milhões de criaturas no período da luta epopéica de 1936-1939, travada pelo glorioso povo da península, para evitar o domínio das hordas falangistas e nazi-fascistas; como se não fossem bastante as milhares de vítimas sacrificadas nas prisões e assassinadas, desde então até o presente, divulgam-se notícias de mais condenações a pesadas penas celulares e à morte.

Igual sorte está reservada a muitos dos milhares de criaturas que estão sucumbindo lentamente, há anos, nas prisões da Espanha, vítimas da tirania do fascismo encabeçado por Franco e que vem martirizando o povo ibérico ante a cumplicidade dos governantes aliados

que, afirmando terem sustentado a guerra para esmagar o fascismo e permitir aos povos estabelecerem regimes de livre convicção, mantêm, no entanto, relações de toda a espécie com os tiranos do povo espanhol, legitimando, assim, a sua existência odiosa.

Juntos, todos, os nossos protestos, por todos os meios, ao movimento internacional contra tanta infamia. Concorramos, também, com nossos auxílios em favor das vítimas da reação franquista e que, por intermédio da SIA lá chegarão.

Guerra de morte ao fascismo franquista!

CORREIO PLEBEU

AOS QUE NOS ESCREVEM — O jornal é executado nas horas destinadas ao nosso descanso do trabalho para o ganha-pão. Por isso não podemos responder diretamente a todos que nos escrevem. Sempre que o caráter da correspondência permitir, as respostas serão dadas por esta seção.

PALMEIRA — A. D.: Recebemos sua carta e os 200 cruzeiros. Seguirão 10, que aproveitará para a propaganda. Remetam-nos endereços de companheiros daí e de outras localidades. Sim! "Viva a Anarquia!" — que é o único ideal que trará a solução para o problema social! Saudes! S. PAULO — E. F. do A. S.: Recebemos suas 2 cartas, 5 cruzeiros para 1 pacote e dois trabalhos. O pacote segue. Os trabalhos serão aproveitados numa seção que iniciaremos no próximo número. Saudações.

RIO — Guynyáns: Recebi diversas cartas suas. "Cadê" tempo para responder como é preciso? Não deixemos de cuidar do esperado. O espaço é tão pouco para tanta coisa... "A Lanterna" reaparecerá. Estou tratando disso. Tudo tornou-se difícil! Fecham, cada vez mais, o cerco ao nosso redor. Mas havemos de vencer. Um abraço. — Ed.

A Guerra e o Capitalismo

A guerra é o mal dos males. Sendo o produto da corrupção de todos os bons sentimentos dos homens, é causadora de toda sorte de degradações, de misérias, de infelicidades, de desgraças, de calamidades; não tendo nenhuma justificação natural, é inhumana e anti-social; estrangulando os pendores solidaristas dos homens, transforma em glória o crime de morte quando praticado em massa; sem nada produzir, tudo destrói, causando o empobrecimento geral; exaltando todas as mais vis paixões, avilta o homem, arrastando-o à prática de todas as formações morais e físicas. O mercantilismo, o suborno e a venalidade, a miséria e a prostituição, a desordem e a peste formam o seu trágico seqüito.

Essa é a história, triste, sangrenta e dolorosa das guerras de todos os tempos. E as duas últimas conflagrações quinta-essenciais tudo quanto de ruim possa ser encontrado nos negros meandros das guerras anteriores. Envolvendo, direta ou indiretamente, toda a humanidade, tudo, mas absolutamente tudo foi mobilizado e posto ao serviço da destruição. Todos os aperfeiçoamentos da técnica, das artes e da ciência, conseguidos pelos ingentes esforços de todas as gerações e que deveriam servir para proporcionar bem-estar à humanidade, foram empregados, com requintes de cuidados, para provocar friamente, calculadamente, horribes hecatombes e destruições inconcebíveis.

A capacidade produtiva do homem foi elevada a um grau de desenvolvimento até hoje desconhecido para conseguir uma produção em massa jamais verificada e isto, não para atender às grandes necessidades da comunidade humana, mas, justamente para o contrário, para agravá-las, para espalhar a miséria e a dor por toda parte. As riquezas consumidas e destruídas na última guerra bastariam para proporcionar a abundância a milhões de criaturas atiradas à miséria.

Tais sempre foram e continuarão a ser as consequências da guerra.

Mas, se nenhum bem resulta da guerra e somente males produz, porque, então, não é evitada? Porque a guerra é um fenômeno imane da sociedade burguesa e somente desapare-

cerá quando cessar o domínio do capitalismo, cujo regime tem suas bases, em seus aspectos moral, político e econômico, no princípio de autoridade, sintetizado no Estado.

A propriedade particular determina a concorrência, que gera ambições e rivalidades comerciais de caráter internacional, animando as manobras imperialistas nas disputas de mercados para o escoamento de mercadorias. E dessa luta de interesses econômicos do capitalismo resulta a guerra.

Naturalmente, não é sob esse odioso aspecto que a origem das guerras aparece ao julgamento do povo. O capitalismo é hábil e matreiro e dispõe de todos os elementos materiais e intelectuais para mistificar a opinião pública. O patriotismo é o instrumento com que agitam as paixões guerreiras. A religião e as prevenções raciais também fornecem à burguesia pretextos para agitações que possibilitam as guerras.

O apego à terra de nascença é transformado em nacionalismo exacerbado, ferindo-se, para isso, os sentimentos populares com a exploração de pretextos emocionais geralmente forjados para esse fim.

A guerra é, portanto, um crime de lesa-humanidade e, como tal, não pode deixar de ser condenada por todas as pessoas de sentimentos normais.

O movimento anarquista sempre a repudiou, sempre a condenou e combateu. Pode-se mesmo afirmar que o movimento pacifista tem tido no sanar-quista os seus mais sinceros, dedicados e ativos militantes, fornecendo, talvez, o maior contingente de vítimas de perseguições em consequência das agitações realizadas nesse sentido.

A história do movimento libertário brasileiro está cheia de iniciativas de caráter pacifista, de manifestações contra a guerra, de lutas contra o domínio do militarismo.

Provam isso as coleções dos jornais anarquistas, em cujas páginas, além da literatura e ilustrações desse caráter, é encontrado o noticiário do que se fez contra as guerras de anos passados. Ficaram memoráveis as agitações pacifistas, de repercussão nacional, promovidas pela Confederação Operária Brasileira, orientada pelos libertá-



O que é a guerra: a produção em massa para espalhar a destruição e a dor.

rios, em fins de 1908 e repetida no primeiro semestre de 1915, bem como a campanha contra o sorteio militar, levada a efeito em todo o país, também pela C. O. B., em 1915, e que deu motivo à publicação do jornal libertário anti-militarista "Não mataráis!"

Ainda por iniciativa dos anarquistas, realizou-se em 1916, no Rio de Janeiro, um congresso pacifista, com a participação de representantes de outros países, tendo, ainda, os libertários brasileiros participado da promoção de um congresso contra a guerra, em Ferrol, Espanha, sucumbindo, em Portugal, em consequência de brutalidades policiais, um dos dois representantes que daqui para lá, então, seguiram, afim de participarem dessa manifestação internacional contra a primeira conflagração.

Essa luta mundial pela paz não tem deixado de produzir resultados. Se, infelizmente, não chegam a evitar que as guerras se desfaçam, contribuem, sem dúvida, para alimentar a crescente repulsa que merecem. Somente aqueles que delas possam tirar proveitos é que, não apenas as aceitam, mas justificam e provocam.

Supportando-as pela força, o povo, que nelas serve de carne para canhão, sempre que pode, delas se serve para se rebelar e estabelecer novas formas de convívio social.

A campanha contra a guerra tem, entretanto, de ser parte integrante da luta contra o regime capitalista, que a produz.

Cessando o domínio da burguesia, resta a transformação social e estabelecido o regime comunista-libertário, a guerra não será mais possível, visto como terão desaparecido todos os elementos que a provocam: o Estado, com sua autoridade dominadora; as fronteiras artificiais que separam e inimizam os povos, o militarismo profissional que alimenta o espírito guerreiro, para justificar a sua função, o capitalismo, com o salariato escravizador e a concorrência que origina as disputas; o dinheiro com suas ambições e crimes; finalmente, o regime da exploração do homem pelo homem, que será substituído pela anarquia, sistema baseado na igualdade social e que se desenvolverá por meio do livre-acôrdo e do apóio-mutuo.

Edgard LEUENROTH

O Esperanto

Poucas coisas terão posto de acôrdo gente de idéias tão díspares, como o Esperanto. Adotado como língua universal por instituições dos mais diversos credos religiosos e das mais opostas ideologias políticas e sociais, tem encontrado estrênuos simpatizantes e defensores em setores das mais variadas tendências e opiniões. Estadistas, como Mazarick e Jorge 50; anarquistas, como os sábios Pedro Kropotkin e Eliseu Reclus e como Tolstói, Berthelot, José Oiticica e Neno Vasco; e escritores como Romain Rolland, Upton Sinclair, Barbusse e tantos, tantos outros, têm-lhe dado o calor de sua adesão.

Língua embora de todos e para todos, língua neutra e alheia à concepções nacionais, políticas, sociais e religiosas, o Esperanto é, não obstante, com dobrada razão e principalmente, o idioma-instrumento dos que acalentam sonhos de fraternidade ecumênica, dos que abraçam, num amplexo espiritual de amor e paz, os povos todos do mundo. E' também o idioma adoptivo das classes menos instruídas de todos os países, às quais o Esperanto, pela simplicidade da sua arquitetura, em contraste com a complexidade das línguas naturais, cuja aprendizagem é incompatível com os afazeres e o grau de cultura clássica do operariado, oferece a rara possibilidade de se libertarem das fronteiras linguísticas. Por isso e ainda que cultivado por gente de todas as camadas econômicas, é entre a classe laboriosa que o Esperanto recruta o maior contingente dos seus partidários.

Ao Esperanto, idioma com todos os requisitos filológicos de língua viva, exequível e acessível a gente de todas as nacionalidades e culturas, está reservado um grande papel na civilização, como fator de aproximação e confraternização dos povos, mais eficaz do que todas as diplomacias.

A primeira condição para que dois seres se amem é que se compreendam. Pois bem, o Esperanto despedaça as fronteiras linguísticas e espirituais, que tolhem os povos de entender-se e de confraternizar, e dilata os horizontes do mundo. "Para uma Humanidade, uma língua!" — era a divisa do abade Shleyer, o autor do Volapük. O Esperanto é e será essa língua.

Perante as ruínas da Torre de Babel e a anulação do terrível anátema lançado por Jeová aos pobres visionários que um dia sonharam escalar, por meio dela, o Céu, a nós, anarquistas, o Esperanto permitirnós-a exclamar, como Diógenes:

— "Sou cidadão do Universo!"

ROBERTO DAS NEVES

ENDEREÇO DE "A PLEBE"

"A Plebe" tem sua redação provisória à rua José Bonifácio, 387, sala 10, onde, a partir das 20 horas, é encontrada uma pessoa para atender quem precisar de tratar de assuntos referentes ao jornal.

Pela Superação Humana

Gusman SOLER

supremo gesto de energia, a render por mais tempo seu tributo de servidão e de reverência. Assim se explica que todo o mundo autoritário se mostre sem cessar mais absorto pela preocupação de procurar novos ramos na velha nave do Estado.

De novo, como nos melhores tempos da idade-média, fala-se com o maior desembaraço nas virtudes da força, formulam-se sistemas de convivência que com pretensões de "novas doutrinas" não são senão a elocubração de mentalidades troglodíticas, teorias tresnoitadas que nada mais representam do que o amontoado de lugares-comuns, cuja substância fundamental constitui a mais cínica exaltação da violência.

E' o mundo agonizante apelando para recursos heroicos ním de salvar-se. Presenciamos na organização social de nossos dias os momentos culminantes do naufrago que, abandonado pela esperança, sente que se afunda.

Não existe a menor dúvida de que os velhos ídolos perderam sua estabilidade, de que a fé tem sido deslocada, depositada durante milênios em fantasmagoras absurdas, que a cultura crescente vai catalogando todos os tabús em coleções de museus.

E' do mesmo modo evidente que se desmorona uma sociedade vetusta, formada pela argamassa de paixões

ignobels, cada dia mais debéis, por atavismos quasi extintos; estrutura da mais complexidade por ora a mais inexplicável, de castas religiosas, de classes econômicas e de hierarquias sociais. Está condenado a "debacle" definitiva um regime que tem por base a luta de interesses, o odio entre os indivíduos e as guerras nacionais.

Uma horda do mais baixo nível intelectual e moral tem interceptado o caminho do progresso em diversos países, e ameaça impor nos demais seus imperativos de regressão e de silêncio.

Povos há, submetidos a este feroz ditado, que ensinam ao mundo com a eficiência do exemplo, qual é a trajetória que se não deve seguir.

E não nos referimos apenas à sua estrutura política, senão em primeiro lugar e, com especial atenção, ao ponto de partida do qual infalivelmente haveriam de derivar tais consequências. Queremos dizer que com uma população que se sente orgulhosa educando-se para a escravidão sob a fécula da social-ditadura ou sob o signo da cruz, não nos poderíamos oferecer jamais outra coisa, a não ser o triste espetáculo de uma miserável grei, inimiga da liberdade, genuflexa ante o olhar de um Tamerlão contemporâneo, ou rendendo o tributo de obediência automática ante o

sollo ditatorial de um Attila redivivo. Está aqui justamente o mal característico da época, expressado neste fenômeno psicopático.

O contágio da servidão voluntária, a degradação da alma humana estendendo-se em uma esfera crescente de influência.

Tal é o grau de loucura a que estamos atingindo, que, lucrado nosso pensamento e algemadas as nossas mãos, todavia, gente há que proclama seu carinho ao passado e seu odio ao futuro.

Nos tempos hodiernos, o desenvolvimento da técnica e da indústria — oh ironia! — horríbil o movimento na ordem moral e se invoca a imobilidade como postulada venerando. Antes de intentar um reajustamento do mecanismo social, antes que se insinue como base para uma nova convivência coletiva, no menor pensamento de situar o indivíduo no máximo equilíbrio dos direitos e deveres, se prefere o silêncio das tumbas, a ordem de cemitérios.

E' nesta ordem que se assixiam os melhores desejos de superações, e é neste parnis de cães hidrofobos que perecem os bons propósitos de inteligência, de iniciativa e de harmonia. Como nos tempos em que a guerra e a escravidão eram instituições sacrossantas, voltamos a viver sob o signo fatídico da espada.

A arte e a ciência, a cultura intelectual, a sublimação dos sentimentos e o progresso moral, todas as conquistas do pensamento filosófico e todos os esforços para os vínculos de solidariedade entre os homens e os povos estão sendo menosprezados e desconhecidos por uma legião de modernos vandálicos uniformizados.

Entem, a música, a literatura e a poesia constituíram um expoente da elevação crescente dos espíritos e significavam um hino perene cantado no progresso.

Hoje, todas as manifestações de arte — cruel consenso! — equivalem a um grito gutural e de extorção surgido do fundo obscuro da história que revela ao homem do presente o retorno à animalidade e ao cretinismo.

Querirá dizer o exposto que tudo quanto foi criado pela vontade humana terá de desaparecer em uma queda fragorosa?

De maneira alguma. Por que? Porque não há força regressiva capaz de imobilizar a vida, porque a reação não logrará paralisar a cultura, porque frente às hostes armadas do autoritarismo se mantém no prelio uma pleiade de vontades progressivas e abnegadas.

Uge, porém, um esforço mais decisivo para a reconquista do terreno já em parte ocupado pelo inimigo; necessita-se de maior dedicação e do aumento crescente e ininterrompido exercido da cultura e do progresso.

Torna-se imprescindível intensificar o esforço condutor à formação de uma nova consciência coletiva emanada de uma cultura emancipadora, e da gestação de uma mentalidade vigorosa no indivíduo.

Assistimos no presente momento da História à quebra incluível de tudo o que tem sido consagrado, através do tempo e do espaço, como valores inquebrantáveis, como dogmas invulneráveis, nos quais devia ser modelada a consciência do indivíduo, e como irremovíveis princípios dos quais haveria de emanar sempre o imperativo que guiasse o destino dos povos.

Um torvelinho poderoso, formado pela mais estranha mescla de vontades, de paixões e de idéias, arrasta em suas correntes impetuosas o que não tinha mais virtude do que a sanção da rotina e a veneração dos espíritos retrógrados.

E ante a derrocada eminente das instituições que suportaram o peso dos séculos, ante a bancarrota de crenças irracionais e de idéias decrépitas, pretende-se elaborar novas fórmulas, maravilhosas receitas de paltingense social, inspiradas pela ortodoxia de superstições anacrônicas.

A fatalidade dos acontecimentos produzidos por uma civilização decadente está pondo em evidência o fato incontestável cada dia mais próximo de uma transformação sem precedentes.

Tudo na vida presente leva impresso o selo indelével da confusão e do desequilíbrio.

E hoje, mais do que nunca, a incerteza do porvir nos atormenta. E' porisso que uma desesperação febril está se apoderando das classes economicamente melhor situadas na sociedade contemporânea.

Tem-se cada dia mais que quem sofre a maldição da escaravatura, nas mais variadas formas, se negue num

A PLEBE

S. PAULO, 1 DE JULHO DE 1947

ANO 31 — NUM. 3 (Nova fase)

CAMPOS - FÁBRICAS E OFICINAS

A FAMOSA LEGISLAÇÃO TRABALHISTA

PRODUTO DE LUTAS CRUENTAS — E NÃO DADIVAS GOVERNAMENTAIS — OS POUÇOS DIREITOS CONSEGUIDOS PELOS TRABALHADORES

É preciso demonstrar aos trabalhadores iludidos, por terem estado durante tantos anos escravizados ao domínio político da corrupção totalitária, que os poucos benefícios condensados em leis, de execução muito precária, não caíram do céu por descuido, nem brotaram por geração espontânea, não podendo também ser considerados como dádivas emanadas da generosidade estatal.

Os trabalhadores não poderão jamais olvidar que a história de umas tantas melhorias com que foram contempladas certas categorias obreiras e das quais se vive fazendo alarde como motivo de glória para os senhores do momento, foi escrita com gotas de sangue num longo período de cruentas peles reivindicadoras. Atrás delas, a partir, mais caracteristicamente, das últimas décadas do século passado e vindo até que se iniciou o domínio totalitário no Brasil, ficaram os ecos de gritos de dor, de brados de protestos contra as barbaridades de que foram vítimas os operários que agiram na defesa de seus direitos. Não, os trabalhadores nada têm que agradecer a quem quer que seja, pois as migalhas

de seus muitos direitos já obtidas são o resultado de conquistas suas, bem suas, e não concessões voluntárias de patrões ou governantes ou conseguidas por meio de partidos ou parlamentos. As decantadas leis trabalhistas vieram apenas consagrar fatos consumados ou tentar opor um dique ao caudal reivindicador que se avolumava ameaçadoramente. Temendo terem de conceder muito do que de direito cabe aos trabalhadores, decidiram abrir mão de uma parte infinitesimal, esperando, assim, iludir os operários e ainda aparecer como beneméritos.

Seria preciso um grosso volume para conter a descrição das violências praticadas contra a classe trabalhadora brasileira, quando tem reivindicado os seus direitos. Tudo quanto possa ser imaginado como injustiças e brutalidades tem sido praticado contra os operários quando reclamam as melhorias que, hoje, em parte, figuram em leis.

Conforme foi demonstrado, tal afirmativa é uma mentira histórica e uma injustiça. Falsidade histórica, sim, por pretender ignorar as lutas sustentadas pelo proletariado para conseguí-las. E, além de mentira, representa uma injustiça revoltante, que atinge a toda uma geração obreira que lutou e padeceu para que fossem conseguidas essas melhorias hoje tão exploradas politicamente.

ASPECTOS DA VIDA SINDICAL

EMPREGADOS EM HOTEIS E SIMILARES

Na história das lutas em prol das reivindicações populares, os empregados em hotéis, restaurantes, bares, confeitarias e cafés estiveram sempre na vanguarda dos movimentos insurrecionais.

A antiga Internacional, a União dos Empregados em Cafés, com os seus órgãos de imprensa "O Internacional" e "A Voz da União", constituíram, no passado, organismos de defesa da classe, que não podem nem devem ser esquecidos.

Como todas as classes, forçada pelo organismo compressor do sindicalismo ministerialista, essa classe constituiu-se no atual Sindicato dos Empregados no Comércio Hoteleiro e Similares, onde os militantes dessa classe estão desenvolvendo a sua atividade no sentido de libertar-se da influência deletéria do "protecionismo" governamental.

TRABALHADORES EM PADARIAS E CONFEITARIAS

Torna-se cada vez maior o número de descontentes no seio desta clas-

se, em virtude da ação política desenvolvida por alguns de seus dirigentes.

Partidários da não interferência da política nos sindicatos, esse grupo de componentes da numerosa classe dos trabalhadores na indústria de panificação e confeitaria, tem desenvolvido grande atividade no sentido de integrar o Sindicato nas suas verdadeiras finalidades, que é a da ação direta.

Está ainda na lembrança de todos os trabalhadores a ação destemida desta classe nas lutas reivindicadoras, tendo conseguido, pela sua orientação, livre de influências partidárias, grandes melhorias, desde a sua fundação. Filiados à Federação Operária de São Paulo, desde o início, a sua ação caracterizou-se pela resistência ao sindicalismo "protecionista" instituído pelo Estado Novo, tendo sido uma das últimas classes a serem absorvidas pelos tentáculos do Ministério do Trabalho.

DIVULGUE "A PLEBE"!

CALEIDOSCOPIO

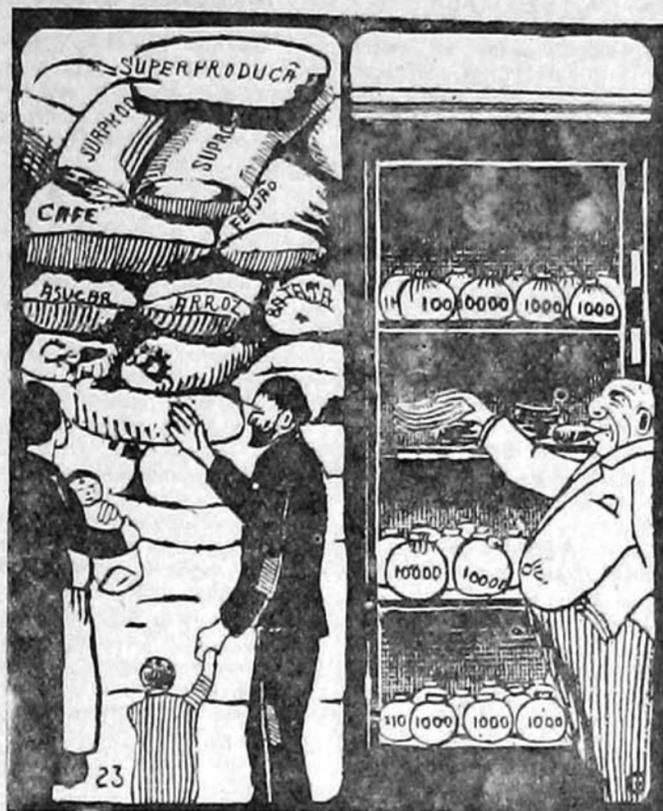
PERONADAS

Em meio de grande fausto, a sra. Eva Peron partiu para a Europa, arvorada, talvez, em caixeira-viajante do seu marido. Partiu precisamente no momento em que poderia ser encomendada pelo fedor das ruas dos bairros pobres de Buenos Aires, em consequência da prolongada greve dos lixeiros. Contudo, ela se despediu declarando que levava no coração todos os seus caros descamisados. Enquanto isso, Peron, pai adotivo desses descamisados, recusou-se a receber alguns deles, uma comissão de lixeiros, que, em nome da classe, lhe ia implorar um pequeno aumento de salário a fim de poder tornar um pouco menos miserável a subsistência de suas famílias.

Eva Peron anda lá pela Espanha pedindo perdão para os seus pecados como boa beata que é, à Virgem del Pilar e outras padroeiras de uma Espanha que já passou à história. E enquanto o povo espanhol geme sob a férrea ditadura de Franco, com o consenso das chamadas democracias, ela se banqueteia com o bandoleiro, à custa da miséria, do suor e das lágrimas desse povo, sem a menor sombra de pejo e de remorso.

Eva Peron também irá à Inglaterra. É possível que quando estas linhas forem publicadas, ela já por lá esteja. Há ingleses, porém, que julgam que não deve ser recebida de bom grado, porque a carne que a Argentina lhes tem mandado dizem que é dura e cara. Outros pensam, ao contrário, que devem recebê-la de cara alegre, pois que, a carne argentina, além de não ser tão dura assim, ainda sai-lhes mais em conta que a de outras procedências. Seja como for, disso apenas se pode deduzir que John Bull ainda é um gande carnívoro e, como tal, um excelente apreciador da boa carne... Aliás, é possível que a gastronomia ainda seja uma das suas gloriosas tradições.

Mas se a máxima dama da República Argentina for à Inglaterra, é evidente que desembarcará saudando a torto e a direito à maneira fascista, o que não impedirá de ser recebida com as honras protocolares pelos representantes do governo "socialista" inglês. Os descamisados de Peron continuarão a "dar duro" (e também os não descamisados, que é a parte consciente do povo argentino, o que é, por isso mesmo, ainda mais duro) para mandar mais carne aos ingleses. Em compensação, o governo "socialista" inglês enviará aviões de guerra a Peron, com os quais este bombardeará o povo argentino, caso este algum dia queira ter a veleidade de o depor, a exemplo do que se está dando com Morinigo. Está nos autos. Nos autos de fé da moral burguesa. Que, graças a Deus, ao papa, à Virgem Santíssima, a todas as virgens e... ao diabo, é cristã. A propósito deste escabroso caso, as mais recentes notícias nos dizem que na Inglaterra estão surgindo manifestações de hostilidade à sra. Peron. Assim, por exemplo, a senhorita Sinclair, membro da União dos sindicatos de Bristol, declarou, a



Belezas da sociedade capitalista: a miséria dentro dentro da abundancia. De um lado — o burguês parasita metido entre riquezas acumuladas à custa do sacrifício alheio; do outro — o povo produtor sujeito à miséria entre mercadorias sonegadas ao consumo pelos açambarcadores.

respeito da ida da esposa, do presidente da República Argentina à Inglaterra, o seguinte:

"Os operários deveriam fazer com que a sra. Peron regressasse com armas e bagagens logo que desembarque na Inglaterra. A sra. Peron passa por ser bela — e isto faz parte da encenação — mas as mulheres britânicas não têm opinião muito favorável a seu respeito."

E o líder sindical, sr. Harry Bourne, afirmou:

"A sra. Peron acaba de beijar a mão (porque não acrescentou à frase, o adjetivo ensanguentada? Como são lacônicos e frios os ingleses!) de Franco e sua visita constitui novo gesto de defesa da Espanha franquista."

Certamente a sra. Peron será avisada em tempo dessas manifestações de desgosto; mas, nem por isso, desistirá. Enquanto escrevo estas linhas, ouço lá fora, na rua, — curiosa coincidência! — uma voz que exclama o velho adágio popular: "Para quem não tem vergonha, todo o mundo é seu!"

Oswaldo SALGUEIRO

Curso de Higiene Mental

Em vista do grande êxito conseguido pela iniciativa anterior, constante de 10 conferências sobre higiene mental, vai ser realizada outra série promovida, em cooperação, pela Universidade Popular Presidente Roosevelt e o Centro de Cultura Social, sendo as palestras confiadas a distintos médicos do Centro de Estudos Franco da Rocha.

Esse novo curso, que será dado em linguagem simples, proporcionando ensinamentos úteis a toda a gente, constará de dez palestras, tendo início ainda esta quinzena, no salão do Gremio Dramático Espano-Americano, à rua do Gazometro, 738, cedido gentilmente. As palestras serão antecedidas de exibições de filmes adequados aos temas.

"O ANARQUISMO AO ALCANCE DE TODOS"

Vai ser editado este excelente trabalho do camarada José Oiticica. Já está sendo impresso e não demorará em ser posto à venda.

CURSO DE ESPERANTO

O Centro de Cultura Social manterá, em sua sede, à rua José Bonifácio, 387, sala 10, um curso de esperanto, absolutamente gratuito.

As aulas são dadas às quartas-feiras às 20 horas.

Sem exploração não há lucros

Tomando-se por base a existência de lucros dentro do regime de produção e consumo em que vivemos, justificada pela exploração do capital, servimo-nos de uma proposição do autor de "O que é a propriedade": — "A propriedade é impossível, porque é impotente contra a propriedade".

E citamos: "Imaginemos uma cadeia de dez, quinze, vinte produtores, tão longa quanto se queira. Si o produtor A deduz um benefício do produtor B, este, segundo os princípios economicos, deve fazer-se reembolsar por C, C, por D, e assim sucessivamente até chegar a Z. Mas por quem Z se fará reembolsar do benefício deduzido a princípio por A? Pelo consumidor, responde Say. Porventura, este consumidor seria outro que não A, B, C, D, etc, ou Z? Por quem, portanto, Z será reembolsado? Si se faz reembolsar pelo primeiro beneficiado, por A, já não há benefícios para ninguém, nem, por consequente, propriedade. Si, ao contrario, Z sustenta esse benefício, deixa de fazer parte da sociedade pois esta lhe nega o direito de propriedade e o benefício que concede aos demais associados".

A consequência logica desta proposição é a seguinte: Sem exploração não há lucros; sem lucros não há benefícios; sem benefícios não há beneficiados.

ESTILHAÇOS . . .

LIBERDADE PAPALINA

"A verdade é a mãe da liberdade" — Pio XII — (Em uma carta).

A história da Inquisição E' prova mais que sobeja Desta "verdade" da Igreja — De que o Papa faz questão.

Da Liberdade o pregão Assassino, sempre almeja A sotaína que rasteja Dos poderosos à mão.

Funhal, veneno, trações, Vende à vista as confissões Onde quer que o padre esteja.

Simulações e embustices, Idiotismos, cretinices São as verdades da Igreja...

Frei João Sem Cuidados

19 de Julho

REVOLUÇÃO LIBERTÁRIA DA ESPANHA

COMEMORAÇÃO NO SALÃO DO GREMIO DRAMATICO ESPANO-AMERICANO, A RUA DO GAZOMETRO, 738, ÀS 20 HORAS

Relembrando a data em que teve início a luta heroica do povo livre da Espanha contra o movimento fascista e para a implantação de um regime de justiça social, o Centro de Cultura Social organiza para esse dia uma reunião familiar com o seguinte programa:

- 1.a — Palestra alusiva à data;
 - 2.a — Representação, em português, pelo Grupo Dramático Teatro Social, da peça em um ato — "MADRI", da autoria de Pedro Catala;
 - 3.a — Representação, pelo mesmo grupo, do quadro cênico — "O CORAÇÃO É UM LABIRINTO", original de Pedro Catala.
- Os convites são distribuídos na sede da rua José Bonifácio, 387, todas as noites.